

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254

EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA

DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

AVENÇA

PESCA DO ATUM NA COSTA ALGARVIA E SISTEMAS USADOS OU A EXPERIMENTAR

«...Nestas condições, a Costa Azul do Algarve, após o solstício de Verão (21 de Junho), é quase toda permanentemente batida pelos cardumes de atum «de revés», que da área da postura ou desova (o «Mar de Espanha»), caminham para o seu domicílio de Inverno, sito no seio do Atlântico Oriental, e na parte dele que, pelo Oriente, enfrenta as regiões marítimas respectivas.»

«Uma armação situada ao Sul da ponta de Sagres, a situação mais privilegiada da costa algarvia para o efeito, seria altamente rendosa na época «de direito» e, possivelmente também, na temporada «de revés.»



Fase movimentada e vistosa de uma copejada numa armação algarvia

pelo capitão-de-mar-e-guerra José Salvador Mendes

○ ATUM «de direito», logo no início da sua «corrida», deverá embater na parte sul da costa Oeste de Portugal, passando depois a rastejar com o promontório de Sagres, na sua marcha vertiginosa para o Oriente, indo a seguir embater na costa de Espanha, desde Santi Petri, ao Sul-Sueste de Cádiz, e também na costa de Marrocos, produzindo pesca abundantíssima nessas regiões. Isto, dá-se após o equinócio da Primavera (21 de Março).

Nesta altura — e a partir da ponta de Sagres — o atum afasta-se cada vez mais da costa Sul do Algarve, devido àquele elemento geográfico perturbador da sua marcha, conjugado com a orientação da trajectória da sua «corrida», e que, nesta altura do ano, é de 75 graus Sueste, aproximadamente.

A costa Sul do Algarve, ao contrário do que sucede nas costas de Marrocos e da Andaluzia, só começa a ser batida pelo atum «de direito», por volta de 20 de Abril, visto que, nesta ocasião, a orientação da referida trajectória é cerca de 80 graus, ou seja Leste, pouco mais ou menos.

Nesta altura do ano o atum aterra para o Norte da parte ocidental do promontório de Sagres e, também, no pequeno trecho de costa que se estende da barra do Ançó até à parte ocidental do «focinho» do cabo de Santa Maria, apenas.

Ponderada a insignificante porção de costa batida pelo atum «de direito», poder-se-á afirmar que, até 20 de Abril, a costa Sul do Algarve não é batida pelos cardumes desse atum; e, assim, não interessa que as armações estejam lançadas antes dessa data, visto que até então a sua produtividade seria nula ou insignificante.

Em 30 de Abril, o atum já aterra mais para Oeste do cabo de Santa Maria; em 31 de Maio, já atinge o

cabo Benagil (antigo cabo Carvoeiro); e, em 21 de Junho (solstício), aterra mais para além deste cabo.

Assim, o atum «de direito» aterra: na parte ocidental da ponta de Sagres e para o Norte dela; e, também, na parte de costa que se estende da praia da Encarnação, próximo do cabo Benagil, até à parte ocidental do «focinho» do cabo de Santa Maria.

Não aterra, portanto: no trecho de costa que se estende da margem oriental da ponta de Sagres até à praia da Encarnação e, também, na porção de costa que se desenvolve da margem oriental do «focinho» do cabo de Santa Maria à foz do Guadiana.

Conclui na 4.ª página

Visado pela delegação
de Censura



Poeta Emiliano da Costa,
óleo de Max Tams

«ASAS» DE EMILIANO DA COSTA

NO «Depoimento» do dr. Joaquim Magalhães, que constitui o liame de «Asas», temos que: «Emiliano da Costa é, na verdade, sem possível contestação, um poeta e poeta cuja obra, mais que a de nenhum outro, nestas terras nascido, merece ser considerada como expressão do Algarve. Como expressão poética da realidade física desta província, como expressão poética da realidade que é a vida e o modo de ser da gente algarvia. Mas em termos de compreensão possível para todos os homens cultos de fala portuguesa. E merecedora, por isso, da larga audiência que, só agora, mais de trinta anos volvidos sobre o livro de estreia e com uma massa considerável de doze volumes, vai começar a ter.»

Não há dúvida que Emiliano da Costa é um grande poeta, com a particularidade, grata para nós, de cantar a nossa província, tal como o fizeram João Lúcio, Bernardo de Passos e outros vates aqui nascidos. E bastava o poema final, que deu o título ao livro, para não haver discordância na unanimidade da classificação de grande — grande, inspirado e conceituoso. Tudo isto porém não confere ao poeta a popularidade a que ele justamente

Conclui na 6.ª página

O ALGARVE NA OBRA DE TEIXEIRA GOMES

A PARTIR do próximo número, começará o *Jornal do Algarve* a inserir um valioso trabalho do nosso prezado comprouviano e estimado camarada José Mimoso Barreto, intitulado «O Algarve na obra de Teixeira Gomes».

Trata-se de um estudo circunstanciado e largamente documentado acerca do notável prosador e fino estilista que foi o saudoso algarvio. Aos méritos singulares de escritor juntava Teixeira Gomes as virtudes adstritas a um fidalgo, subentendendo-se que tais virtudes têm mais que ver com o valor intrínseco que com quaisquer brasões esquadrelados. Queremos nós dizer que Teixeira Gomes era um fidalgo na plenitude do termo — no valor mental, na verticalidade moral e no seu apego à terra nossa onde nasceu e onde os seus restos descansam para a eternidade.

O trabalho de Mimoso Barreto foi lido em tempos na Casa do Algarve. Mas não fazia sentido que ele tivesse ficado circunscrito a um

A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO dos C. T. T. de Faro

COM a base de licitação de 4.071.305\$00, realizou-se na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais o concurso para a adjudicação da empreitada de construção do edifício destinado aos C. T. T. de Faro.

Foram apresentadas seis propostas, sendo a mais baixa de 3.588.990\$20 e a mais alta de 4.388.000\$00.



Teixeira Gomes

limitado auditório. Merece que os algarvios e admiradores de Teixeira Gomes o conheçam e essa a razão por que vai publicar-se no *Jornal do Algarve*, para que todos possam apreciar o valioso estudo e através dele conhecerem melhor Teixeira Gomes cuja obra vem agora à superfície da vida mental portuguesa através de outro algarvio.

José Mimoso Barreto, distinto redactor do «Século» e da Emissora Nacional, portimonense fervoroso e algarvio acérrimo, quis proporcionar ao jornal da nossa província o ensejo de inserir o seu valioso trabalho. Agradecemos-lhe a deferência, não apenas em nosso nome mas no de todos os algarvios que vão ter oportunidade de rever a figura moral e mental de Teixeira Gomes.

Ao comandante Figueiredo é entregue amanhã

A MEDALHA DE OURO da Liga dos Bombeiros

COM a presença das autoridades locais, de delegados da Liga e de representações de bombeiros do Algarve, é amanhã entregue ao sr. Luís Acácio Cardoso de Figueiredo, comandante dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António, a medalha de ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses, honrosa distinção que premeia muitos anos de bons e dedicados serviços prestados à causa dos bombeiros e à segurança pública. Ao acto, que terá lugar na sala nobre do nosso Município, assistirão também os srs. drs. José Ascenso e José Correia do Nascimento, respectivamente governador civil substituto e presidente da Junta de Província, e D. Narciso Martín Navarro, «alcalde» da vizinha cidade de Aiamonte, que com a sua presença quer significar o apreço dos nossos vizinhos pela benemérita corporação que já tem sido prestável aos aiamontinos.

O *Jornal do Algarve* associa-se calorosamente à justa homenagem e felicitando o comandante Figueiredo, sauda nele a corporação pomalina que é uma das mais velhas do País.

«Poemas da Solidão IMPERFEITA»

ACABAMOS de receber «Poemas da Solidão Imperfeita», da autoria do jovem poeta e nosso camarada de redacção Casimiro de Brito. Folheámo-lo seguidamente e deu-nos a impressão de que se trata de uma obra de alto mérito poético e que confere ao seu autor o direito de figurar ao lado dos nossos mais inspirados poetas. Deixamos porém a apreciação mais circunstanciada a um dos nossos críticos que brevemente dirá de sua justiça. O que não impede que saudemos Casimiro de Brito, um jovem de quem as letras algarvias muito têm a esperar.

NÃO DEVEM SER CONSENTIDAS REDES DE MALHA MIÚDA

nos rios e nas rias onde o peixe desova

ARMAÇÃO DE PÊRA — Caprichou a Natureza em dotar o Algarve de atractivos que o tornaram uma das províncias mais privilegiadas de Portugal. A sua situação geográfica, a amenidade do clima, as lindas praias, das mais belas do mundo, as termas, que continuam abandonadas, as cidades, vilas e aldeias, com os seus atractivos particulares, os castelos medievais, os campos férteis e a flora mimosa e produtiva, tudo isto lhe confere encantos singulares. E, para completar este quadro de riqueza e encantamento, deu-lhe ainda a Providência o mar de onde se extraem o sal e o peixe que alimenta a sua maior indústria — a de conservas. E' o mar que fornece a maior receita graças à abundância da fauna marítima, de sabor requintado, devido à temperatura das águas e à variedade da flora que cresce no seu fundo. As espécies féticas que o povoam, no tempo da desova, escolhem os lugares próprios para os seus ninhos, geralmente próximo da costa, nas rias e nos rios. Os peixes são como todos os animais: procuram instintivamente os lugares mais recatados para resguardarem os filhos da voracidade dos outros peixes. No Algarve, desde Lagos a Vila Real de Santo António há magníficos pontos para a desova e criação do peixe. Nos rios e nas



Máquina seleccionadora de laranjas trabalhando num armazém de Vátencia

TEM DE SE COMEÇAR JÁ A PENSAR NA EXPORTAÇÃO DA NOSSA LARANJA

IGNORAMOS o motivo mas a verdade é que está a verificar-se este ano uma baixa enorme no preço da laranja. Sabemos que os negociantes que adquiriram as produções dos pomares algarvios estão em risco de sofrerem prejuízos enormes, prejuízos que afinal não chegam a reverter em proveito do consumidor avulso porque este continua a pagar caro o saboroso fruto. Será devida à abundância esta baixa? Ignoramo-lo, mas cremos que não se pode atribuir a outra circunstância a desvalorização de uma fruta que goza de tanta preferência.

Enquanto no ano passado por esta época a camionagem conduzia do Algarve para Lisboa uma média diária de cem toneladas de laranjas, este ano essa média não ultrapassou ainda as vinte toneladas.

Em face desta anormalidade, que pode agravar-se na colheita futura, é de toda a conveniência começar-se a pensar a sério em dar incremento à nossa exportação de laranjas. Pelo porto de Vila Real de Santo António saiu já um pequeno carregamento para a Alemanha e periodicamente saem também algumas toneladas para as ilhas adja-

centes. Mas isto é uma insignificância em face da produção, já de considerar, da nossa província, produção que nesta meia dúzia de anos mais chegados vai sofrer novo aumento. Há pois que estar atento ao problema e oxalá todos fossem de tão difícil solução como este. A laranja algarvia pode considerar-se — sem exageros patrióticos — da melhor do mundo. Temos bons frutos, temos um bom porto que oferece garantias de que a mercadoria, um produto de grande fragilidade, não sofrerá trambolhões — do armazém do exportador ao porão do navio, sem mais incómodos — temos boas oficinas para imprimir os envoltórios de papel de seda em que é conveniente envolver o fruto para evitar que uma unidade deteriorada contamine as restantes. Em resumo: temos tudo. E sendo assim compete-nos defender a nossa pomicultura e dar incremento a este ramo de actividade agrícola algarvia. De resto

Conclui na 6.ª página

A VISITA DO CONTRATORPEDEIRO INGLÊS A LAGOS

DECORRERAM num ambiente de muita simpatia as festas realizadas em Lagos por motivo da visita àquela cidade do contratopereiro do mesmo nome que ali fundeou na quarta-feira e que foi recebido pela fragata «Nuno Tristão» e pela vedeta «Azevia».

À equipagem do «Lagos» foram oferecidas visitas aos locais mais pitorescos, tendo sido também ao comandante D. Jermain e oficialidade oferecidos um Porto de honra pela Câmara Municipal e um almoço, na Estalagem de S. Cristóvão, pelo governador civil, sr. dr. António Baptista Coelho e a que assistiram as autoridades locais e da sede do distrito. Hoje haverá recepção a bordo do «Lagos».

A saúde é a maior riqueza

BOA VONTADE NO TRABALHO

Todo o trabalho deve ser feito com disposição, alegria e bom humor. Fora dessas condições, até a mais leve ocupação pode tornar-se insuportável, causar mal-estar e preguiça.

Procure ter boa vontade para trabalhar, encarando as suas ocupações com alegria e bom humor.



por CASIMIRO DE BRITO

Pelo nosso Cine-Clube

Quando, em meados de 1956, se anunciou a organização de um Cine-Clube em Faro, foi com enorme satisfação que acolhemos a ideia.

E assim foi. O Cine-Clube fundou-se, e nós vimos obras importantes como «O Regresso Eterno» de Dellanoy, «Os Trovadores Malditos» de Marcel Carné, «O Capote» de Lattuada, «Ladrões de Bicicletas» e «Umberto D.» de De Sica e, mais recentemente, uma trilogia sueca inestimável, um «Festival Charlot» muito apetitoso e até alguns fragmentos de Max Ophüls, «Lola Montez». Enfim, um Cine-Clube é uma instituição sem dúvida necessária, numa cidade que vai muito ao cinema como a nossa e onde, como aliás em toda a parte, há que pretender ensinar o público a ver cinema, a considerar essa Arte mais do que um conjunto de séries de três quilómetros de película que nos fazem passar, mais ou menos bem instalados numa poltrona, três horas que tínhamos de encher de qualquer maneira. Que o cinema é mais do que isso — é, quanto a nós, o principal objectivo de um Cine-Clube...

E tem sido esse, mais ou menos, o objectivo do nosso. Porém, nem sempre foi feliz, talvez até porque nem sempre recebeu o auxílio necessário para a elaboração de um plano de trabalhos mais eficiente. Referimo-nos, como é óbvio, à direcção que esteve até agora à frente do Cine-Clube de Faro e que, na última Assembleia Geral, deu lugar a outro grupo de associados (talvez nem todos cineclubistas) que, esperamos, irão continuar a obra iniciada, que, não sendo excepcional, é, contudo, notável.

Achamos, em primeiro lugar essencial, que a actual direcção se comprometa de que «passar filmes não basta»... Isso, que é o primeiro intuito de um Cine-Clube, não pode ser tudo. Há que formar cineclubistas, na verdadeira acepção da palavra. Para nós, o cineclubismo puro deve ter a mesma base do trabalho puro: algo que se é, com satisfação, em potência — o cineclubista; algo que se faz, com satisfação, em potência — o trabalho.

Não é nosso desejo (seria pretenciosismo descabido), aconselhar o que há a fazer, o que se deve, se tem, de fazer. A lista de nomes que representa agora os «trabalhadores» do nosso Cine-Clube deve ter, sem dúvida, os seus planos de trabalho. Até houve um director, nosso prezado amigo, que já nos falou de algumas realizações que se pretendem levar a cabo! No entanto, fica já aqui uma certeza: voltaremos ao assunto, para criticar violentamente se for preciso, para louvar publicamente, se for preciso também...

E que nós queremos mesmo, em Faro, um verdadeiro Cine-Clube.

SERRALHEIRO
Precisa-se para trabalhar em empresa importante no Algarve com bastante prática e conhecimentos de motores Diesel. Resposta ao Apartado 33, Vila Real de Santo António.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Chefe do distrito

Esteve durante alguns dias em Lisboa a tratar de assuntos de interesse para o Algarve, o sr. dr. António Baptista Coelho, governador civil do distrito.

Partidas e Chegadas

Esteve uns dias em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua mãe, o agente-técnico sr. Jorge Manuel C. Freire Medeiros, nosso assinante em Lisboa.

Foi a Lisboa, acompanhado de sua esposa e filha Lolita, a fim de consultar a medicina, o nosso assinante sr. João Cumbreira Ramirez. Passou as suas férias nesta vila o regente-agricola sr. Joaquim Manuel Laborero de Villalobos Esperança, nosso assinante em Pêgões.

Regressou a Lisboa, depois de ter passado as suas férias em Vila Real de Santo António, o sr. Miguel de Jesus Ferramacho, nosso assinante na capital.

Depois de terem passado as férias nesta vila, regressaram a Lisboa, os estudantes Maria José, Ermelinda e José António Rodrigues Ritta, filhos do nosso assinante sr. José António Ritta.

Esteve passando as suas férias nesta vila o sr. José Tomás Gonçalves, nosso assinante em Oihão.

Encontra-se em Lisboa o sr. Manuel Vilaça da Silva, empregado superior da casa Judice Fialho.

Passou as festas com seus irmãos, em Lisboa, a sr.ª D. Maria Luísa Azevedo Antunes, viúva do dr. Azevedo Antunes, que foi médico em Alcantarilha.

A passar e época de Inverno, seguiu para Lisboa a juntar-se a seu marido, a sr.ª D. Isabel Pinto Martins Aguiar.

Partiu para Lisboa, acompanhado de sua esposa, o nosso assinante sr. José Ferreira, que vai sujeitar-se a tratamento médico.

Gente nova

No hospital Marquês de Pombal, nesta vila, teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Josefa Martins Gonçalves, esposa do sr. Francisco de Brito Gonçalves.

Em Luanda, onde reside, deu à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Maria do Carmo Pessanha, esposa do nosso assinante naquelle cidade, sr. Rui Alves Pessanha.

Também num quarto particular do hospital Marquês de Pombal, deu à luz, com muita felicidade, uma menina, a sr.ª D. Maria Adelina Carrilho Medeiros Pinto, esposa do nosso assinante sr. eng.º agrónomo Acácio Madeira Pinto.

Pedido de casamento

Pelo sr. José Baltasar, foi pedida em casamento para seu filho, o sr. dr. Joaquim José Baltasar, médico da marinha mercante, a sr.ª D. Maria Solange de Brito Pereira Martins, gentil e prandada filha da sr.ª D. Maria Teodósia Simões de Brito Pereira Martins e do sr. dr. Armando Pereira Martins, advogado e nosso assinante em Oihão.

O auspicioso enlace deve realizar-se durante o corrente ano.

Casamentos

Na igreja dos Jerónimos, em Lisboa, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Pacheco Aragão Barros, filha da sr.ª D. Maria Fernanda Pacheco Aragão Barros e do sr. José Aragão Barros, com o sr. 2.º tenente João Gago Falcão Campos, filho da sr.ª D. Berta Caiado Gago Falcão Campos e do sr. comandante Francisco Falcão Campos. Foram padrinhos os pais dos noivos. Estes seguiram em viagem de núpcias para Itália.

ECONOMIA

A agricultura britânica é a mais mecanizada do mundo

A INDÚSTRIA de maquinaria agrícola inglesa está a atingir grande importância, não sómente sob o ponto de vista de abastecedora do mercado interno, como fonte de divisas, pois cada vez são mais volumosas as suas exportações. Ao mesmo tempo que a agricultura britânica se mecaniza, fornece-se o mercado externo. A evolução do parque de tractores mostra a importância do consumo interno e permite avaliar devidamente o esforço da indústria cuja exportação em Outubro findo está calculada em seis milhões de libras.

Em 1939 existiam no Reino Unido 55.000 tractores; em 1956 o seu número ultrapassou 500.000. A indústria britânica, além de cobrir as necessidades da sua agricultura, aumentou notavelmente as exportações, que passaram de um milhão e meio de libras, antes da última guerra, para 70 milhões em 1956, calculando-se que no ano que acaba de findar se ultrapassem os cem milhões.

A França não quer a grande propriedade

A comissão de agricultura da Assembleia Nacional francesa prepara um projecto de lei que proíbe a acumulação numa só mão de várias explorações agrícolas adquiridas a título oneroso ou como consequência do termo de um contrato de arrendamento e cuja acumulação ocasione a desapareição de exploração agrícola familiar. A superfície a partir da qual se fixará esta proibição de acumulação de terras será determinada pelo governador, ouvida uma «comissão departamental de exploração familiar agrícola», de acordo com as regiões naturais, as qualidades da terra e a natureza das culturas.

Preveem-se excepções para o caso do adquirente pretender instalar no prazo de três anos um dos seus descendentes como lavrador independente.

A pesca na Grécia Graças às medidas adoptadas pelo governo grego, a pesca registou um progresso acentuado desde Fevereiro do ano passado até Agosto deste ano. Em comparação com as 25.000 toneladas de antes da guerra, obtiveram-se 60.000 toneladas, em 1955 e 65.000 no ano passado, prevenido-se que este ano as capturas atinjam 70.000 toneladas. Para a pesca no alto mar foram construídos dois novos navios apetrechados com equipamento moderno e que operarão no Oceano Atlântico. Para o Mediterrâneo foram preparados 18 barcos que explorarão as zonas de pesca da Tunísia ao Líbano e à Síria. No que respeita à pesca costeira 640 barcos foram incorporados na frota.

Nos dois últimos anos fizeram-se exportações de peixe para o estrangeiro.

CONSTRUÇÃO DE UM COLÉGIO em Vila Real de Santo António

FOI publicada no Diário do Governo uma portaria autorizando a Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, a vender ao sr. Joaquim Teixeira Marques, uma parcela de terreno com a área de 5250 m2, localizada no lado sul da vila, e destinada à construção de um edifício para instalação de um colégio de ensino secundário.

Doentes

Continua hospitalizada em Faro, tendo porém experimentado melhoras, a sr.ª D. Carmina d'Almeida Mortágua Estrela, esposa do nosso assinante sr. Humberto dos Santos Estrela.

Foi submetida a uma intervenção cirúrgica, nesta vila, que felizmente decorreu bem, a sr.ª D. Lely Rodrigues Oeiras Mairus, esposa do nosso assinante no Porto, sr. Manuel Pego Vas Mairus.

O CINE-CLUBE de Vila Real de Santo António

passa a realizar duas sessões mensais de cinema

sem aumento no preço da cota

NOS seus quase três anos de actividade tem o Clube de Cinema de Vila Real de Santo António dado largo incremento à causa da cultura cinematográfica nesta vila, quer organizando sessões mensais de cinema escolhido, quer recomendando sessões que pelo seu interesse cine-clubístico o mereçam. Anuncia-se agora a sua entrada numa fase que mais contribuirá, certamente, para o desenvolvimento, entre nós, da referida cultura cinematográfica.

A partir de Março próximo (nos dias 14 e 28 deste mês) inicia, por acordo da empresa do Cine-Foz, o sistema de duas sessões mensais de cinema, sem que o actual preço da cota, 7\$50, sofra qualquer aumento.

Os sócios inscritos até à 25.ª sessão do Cine-Clube, em 24 de Janeiro, estão isentos do pagamento de jóia. Aos que se inscreverem depois daquela sessão, será cobrada a jóia de 20\$00.

Estão, pois, de parabéns, os associados do nosso Cine-Clube, pois, além de terem ensejo de assistir, economicamente, a duas sessões cinematográficas de elevado nível, ainda beneficiam, por deferência da empresa do cinema local, do desconto de 1\$00 nos bilhetes da plateia, nas sessões normais do mesmo cinema que o Cine-Clube recomenda.

A direcção do Cine-Clube agradece a colaboração dos sócios, no sentido da rápida angariação de novos sócios, para que as duas sessões mensais possam manter-se e a acção cultural daquele seja em breve ampliada com a realização periódica de sessões especiais de cinema para crianças.

Os pedidos de inscrição de novos associados devem ser feitos na secretaria do Cine-Clube, edifício do Glória F. C., às segundas, quartas, sextas e sábados, a partir das 21,30.

LOTAS DO ALGARVE

Oihão

de 2 a 8 de Janeiro

TRAIINEIRAS:

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Restauração (8.625\$00), Clarinha (5.170\$00), Sr.ª da Saúde (1.410\$00), Luís Fernando (1.320\$00), Oeste (1.000\$00), Total (17.525\$00).

Portimão

de 2 a 8 de Janeiro

TRAIINEIRAS:

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Pérola Algarvia (8.260\$00), Costa Azul (6.600\$00), Trio (5.700\$00), Dorita (4.380\$00), Oressa (3.950\$00), Maria Benedito (3.040\$00), Sarda (2.880\$00), Flora (2.630\$00), Sr.ª do Cais (2.600\$00), Cristina Leote (2.100\$00), Virgem te Guie (2.000\$00), Pérola do Barlavento (1.920\$00), Saturnia (1.800\$00), Sol (1.550\$00), Lua Nova (1.520\$00), La Rose (1.480\$00), Lusitana (800\$00), Cine (680\$00), Fóia (540\$00), Total (54.510\$00).

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 3 a 9 de Janeiro

ENTRADOS: Inglês «Starling», de 1.356 ton., de Cádiz, com carga em trânsito; Português «Terceirense», de 1.295 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Portugueses «Mira Terra», de 562 ton., «Zé Manel», de 926 ton. e «Maria Christina», de 549 ton., todos de Lisboa, vazios.

SAÍDOS: «Starling», para Dublin, com alfarroba; «Rimberg», para Roterdão, com minério; «Terceirense», para Angra do Heroísmo, com sal; «Mira Terra» e «Zé Manel», para Lisboa, com minério.

O Ensino no Algarve

Para as escolas de ensino técnico abaixo mencionadas, foram nomeados, por conveniência urgente de serviço, os seguintes professores provisórios: Escola Industrial e Comercial de Faro: srs. eng. Júlio Cristóvão Mealha, Guilherme Gomes Teixeira e João Afonso Henriques, 2.º grupo — 2.º grau; D. Alette Isabel Pinheiro Calvino, D. Maria José Monteiro e D. Fernanda da Luz Piedade, 5.º grupo — 1.º grau; António de Assunção Sampaio, 5.º grupo — 2.º grau; dr. José Mensurado Bessa de Carvalho e João Pedro Oliveira Monteiro, 8.º grupo — 2.º grau; José Jerónimo Guerreiro, 9.º grupo; dr. Jorge Manuel Palma Leal e Afonso Joaquim Baptista, 11.º grupo — 1.º grau. Escola Industrial e Comercial de Silves: D. Maria Fernanda Correia Alves, 5.º grupo — 1.º grau; dr.ª Maria Margarida Baptista Pereira, José Francisco Telo Queiros e D. Olga Machado Soares de Silveira, 8.º grupo — 1.º grau; D. Maria Manuela Cândia de Matos Veiga Vilarinho e D. Ermelinda da Assunção Moreno, 11.º grupo — 1.º grau.

Também por conveniência urgente de serviço foram nomeados os seguintes auxiliares provisórios das oficinas de cursos práticos: Escola Industrial e Comercial de Faro: D. Maria da Glória Severo Maurício — grafias; Escola Industrial e Comercial de Silves: sr. Luís António Rocha Mourinho — trabalhos manuais e D. Maria de Lourdes Cabrita — grafias.

O sr. dr. Armando Cassiano, professor efectivo do 8.º grupo do quadro do Liceu de Faro, foi nomeado director das instalações de desenho e trabalhos manuais do mesmo liceu.

A regente do quadro de agregados do distrito escolar de Beja, D. Eugénia dos Santos Loução, foi autorizada a prestar serviço em Faro, no corrente ano lectivo.

Foi oferecida uma festa ao pessoal das Sociedades Reunidas Reis, Lda.

NO domingo passado, na Academia Recreativa Musical de Sacavém, a gerência das Sociedades Reunidas Reis, Lda., importante e prestigiosa organização industrial, promoveu uma festa dedicada aos filhos dos operários da sua fábrica daquela localidade e durante a qual houve exibição de palhaços e outros atractivos, tendo sido distribuídos às crianças, além de um lanche, agasalhos e brinquedos.

A festa, que decorreu no meio da maior alegria, assistiram com suas famílias, os srs. Sérgio Gerales Barba, director-geral; Fernando Gomes Loureiro, Fernando Neto, eng. João Reis, Vitor Carvalho dos Reis, administradores e Eduardo Carvalho, gerente da fábrica.

Aiamontino galardoado

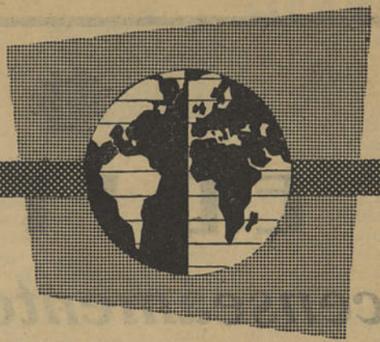
DELO Instituto de Socorros a Náufragos, foi galardoado com a medalha de cobre, por serviços de salvamento, o espanhol sr. Jerónimo Lopes Minhos, mestre do barco «Ricardin», da praça de Aiamonte, por, no dia 29 de Agosto de 1957, ter salvo o tripulante de uma embarcação que naufragara nas imediações da barra da Fuseta.

Advertisement for FAR gas stoves. Includes text: entusiasmo COM FAR NUNCA DIRÁ... SE EU SOUBESSE!! FOGÕES FRANCESES DE FAMA MUNDIAL. MAIS RENDIMENTO MENOR CONSUMO ACABAMENTO IMPECÁVEL. SE AINDA NÃO CONHECE OS FOGÕES FAR, PERGUNTE DAS SUAS QUALIDADES DE FABRICO E RENDIMENTO A MAIS DE DOIS MILHARES DE BOAS DONAS DE CASA QUE OS UTILIZAM! A GÁS-A GAZCIDLA (Adaptáveis a qualquer Gás) Á venda na CIDLA, Lisboa, em todas as suas Agências no País e nas casas da especialidade. A BOA COZINHA NO LAR SÓ COM GAZCIDLA E FOGÕES «FAR» Com FARGRIL, o grelhador ideal, fará sempre bons grelhados. DISTRIBUIDORES: J. COSTA & SILVA, LDA. Rua Arco do Bandeira, 79, 1.º - LISBOA - Telefone 26713 AVEC FAR VOUS NE DIREZ JAMAIS... SI J'AVAIS SU!

Advertisement for CONFIDENTE real estate organization. Includes text: PROPRIETÁRIOS!!! ATENÇÃO!!! «A CONFIDENTE» possui anexa à sua grande ORGANIZAÇÃO uma secção especializada em hipotecas sobre PROPRIEDADES, tanto em LISBOA como nos ARREDORES E PROVÍNCIA, ao juro da Lei. Transacções efectuadas desde 10 até 5.000.000\$00. Facilitam-se amortizações semestrais e anuais. Nada cobramos ao cliente, a título de vistoria ou deslocação. Os n/ 24 anos de existência garantem bem a boa regularidade dos n/ negócios. A CONFIDENTE (A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS) LISBOA: - ROSSIO, 3-2.º PORTO: - R. PASSOS MANUEL, 14-1.º Tel. 21391-30257-36765-36767 Tel. 28721-27011-31309-31729

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA



PETRÓLEO NO SAHARÁ

«O DESERTO dentro de outro deserto» é a expressão que os árabes empregam para definir a parte Oriental e a Ocidental dos «Grand Ergs» — vastas áreas de areias movediças situadas no interior do Sahará. Entre estas áreas encontra-se o planalto de Tademaït. Cerca de 39 milhões de kms.2 (a área de Inglaterra e da Escócia) deste terreno inóspito foram concedidos, para prospecção e exploração, à Compagnie des Pétroles

A primeira, a gravimétrica, consiste na medição da aceleração da gravidade em locais diversos — tendo-se obtido já 60.000 gráficos, a partir dos quais é possível determinar as formações geológicas susceptíveis de denunciar a existência de petróleo. O segundo tipo de pesquisa, a sísmica, permite verificar as repercussões dos pequenos sismos provocados pela explosão de cargas de dinamite. Essas repercussões são esquematizadas

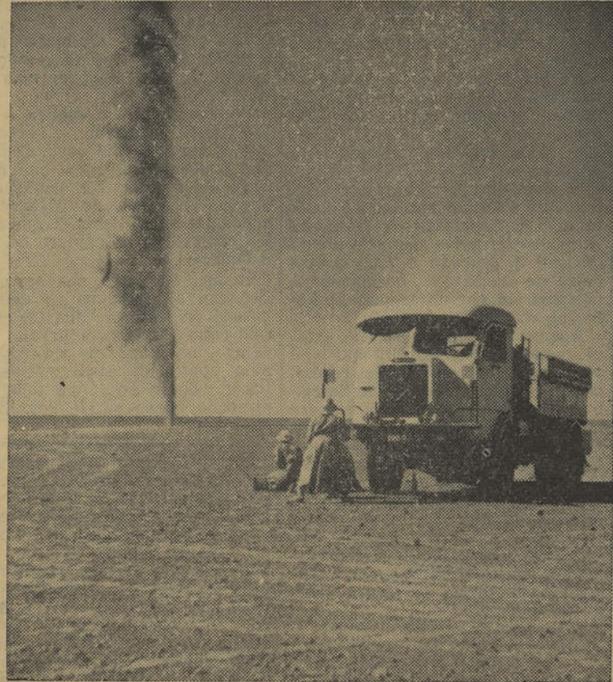
No entanto, muitos destes técnicos e operários, que têm as suas famílias em Argel, vivem em constante desassossego motivado pelo período de violência que ali se atravessa, e por isso, vão passar a semana das suas férias com as famílias.

Foi necessário vencer inúmeras dificuldades para a realização de um empreendimento de tal amplitude. Tiveram de se construir perto de 2.000 kms. de estradas, aptas a suportarem o transporte do pesado equipamento, e reparar as que já existiam. Estabeleceram-se 28 pistas de aterragem perto dos poços e dos principais centros de administração, para evitar irregularidades nos fornecimentos de equipamento. Uma vez que no deserto não existe água à superfície, excepto nos oásis, e como uma torre de perfuração gasta perto de 80.000 litros de água por dia, os primeiros poços de prospecção tiveram que ser convertidos em poços de água, e foi ainda necessário abrir outros. Estabeleceu-se também um serviço de transporte de água em camiões-cisternas, que fazem fornecimentos regulares às áreas de prospecção.

A regularidade destes fornecimentos e os trajectos imprevisíveis que as equipas têm de percorrer necessitam obrigatoriamente de um estudo atento, visto que uma «panne» no deserto pode ocasionar a morte pela sede e a estagnação das pesquisas. Todas as viagens obedecem a um determinado itinerário, e cada equipa está em comunicação pela rádio, com as bases.

A Noroeste, em Hassi Messaoud, a França fez uma descoberta prometedora de petróleo, ao passo que para Sudeste, a Compagnie de Recherches et d'Exploitation de Pétrole au Sahara (85% do Grupo Royal Dutch/Shell) está a desenvolver a exploração de pequenas formações petrolíferas, em Edjele e Tigentourine. No decorrer do tempo, o problema do transporte do petróleo destes novos campos, terá ainda de ser resolvido pela construção de «pipelines», até à costa do Mediterrâneo ou Atlântica.

Entretanto, as equipas de pesquisa e prospecção da C. P. A., da qual o Grupo Royal Dutch/Shell é o principal accionista, continuam persistentemente os seus gigantescos e duros trabalhos na espe-



Uma explosão durante a pesquisa sísmica

d'Algérie (C. P. A.) que ali já dispendeu desde 1953 mais de um milhão de contos.

A base de onde são dirigidos os trabalhos está localizada em El Golea, para o Norte, fora da área da concessão. A Este e Oeste, no Oásis Timimoun e Fort Flatters, fica o centro administrativo — com hospital e agência de recrutamento de pessoal. Durante oito a nove meses, por ano, consecutivamente, e até o calor tornar insuportável a estadia no deserto, grupos de técnicos europeus atravessam aquela região, procedendo a sistemáticas pesquisas geológicas.

Orientados pelo primeiro levantamento aéreo, os técnicos exploram o terreno, reunindo elementos sobre a sua constituição. Actualmente realizam-se dois tipos de pesquisa geofísica.

ANEDOTAS

História de feira — Numa barraca de feira, um velho anuncia aos espectadores: «Querem ver um pobre homem de 85 anos subir uma trave de 25 metros e atirar-se, lá do alto, para uma bacia de água com 50 centímetros de diâmetro? Quereis ver um homem que poderia ser vosso avô executar tal proeza?» E a sala, emocionada, berra: «Não!».

«Então, replicou o velho, queiram sair rapidamente, pois há outros espectadores lá fora à espera!».

* * *

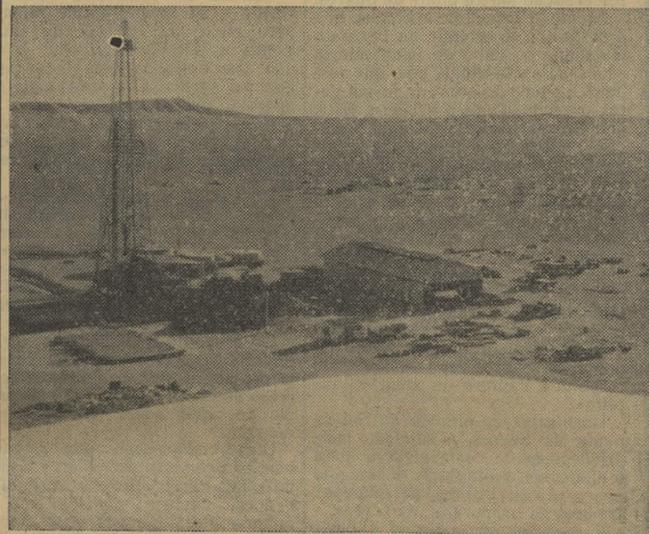
História de trânsito — Na esquadra, um automobilista explica as causas do acidente: «O carro que se encontrava na minha frente era conduzido por uma senhora. De repente, ela fez funcionar o piscapisca, indicando que ia virar para a direita. E de facto, virou para a direita!».

* * *

História de emprego — Um indivíduo recorda: «Nunca encontrei pessoa mais amável do que o meu primeiro patrão. No dia em que me despediu, disse-me: «Caro e dedicado amigo, não sei como passaremos sem si. Mas, a partir do dia 1, vamos experimentar...»

* * *

História de guia — Durante a visita a um castelo histórico, o guia grita para os turistas: «Atenção ao degrau!» E, depois, em voz baixa a um dos visitantes que está junto dele: «Normalmente, não digo nada, mas hoje não estou com disposição para me divertir!»



Uma torre de perfuração a vinte quilómetros de Timimoun

veres, e grandes quantidades de água, essencial à vida neste duro clima.

Na pugada das equipas de pesquisa seguem as equipas de perfuração, que perfuraram já 27 poços, conseguindo somente encontrar resíduos de gás natural. Estas equipas gozam de mais comodidades do que as de pesquisa, dispondo de ar condicionado e de cantinas. Trabalham durante todo o ano, por turnos de oito horas consecutivas, mesmo quando o termómetro atinge 50° C à sombra.

Tanto as equipas de pesquisa como as de prospecção podem beneficiar de uma semana de férias de 4 em 4 ou de 6 em 6 semanas, e possuem serviço postal e de jornais regular, uma óptima biblioteca e sessões de cinema, facilidades que contribuem para o seu bem-estar físico e moral.

JORNAL DO ALGARVE
lê-se em todo o Algarve.

rança de converterem as áridas e estêrcies dunas do Sahará em valiosos centros de produção de petróleo.

PEGADAS «HUMANAS» no fundo do mar

«ABOMINÁVEL Homem das Neves», que supostamente habita o Himalaia, tem um rival no «Abominável Homem do Mar», que vive no fundo dos oceanos.

De facto, o dr. Antony Laughton, do Instituto Britânico de Oceanografia, fotografou estranhas pegadas «humanas» no fundo do oceano, a cerca de 5.000 metros de profundidade.

«Seria interessante — disse — saber de onde provêm essas pegadas. Estudámos as fotografias, cuidadosamente, a fim de descobrir o mistério, mas até agora nada de concreto resultou.»

SERVINDO A LAVOURA

A determinação da riqueza mineral do solo

(Do «Boletim Agrícola», editado pela Shell Portuguesa)

UM dos problemas essenciais que se põe à pessoa que pretenda cultivar racionalmente um solo é o da avaliação da sua riqueza mineral, para daí concluir qual a correcção a fazer para que nesse solo existam as condições alimentares ideais para as plantas.

A maneira mais exacta e racional de se verificar qual a adubação de que um solo necessita é o ensaio de campo, que consiste, como se sabe, em dividir o terreno numa série de talhões, a cada um dos quais se junta uma dada adubação. Cultiva-se nesses talhões a planta que se pretende e verifica-se, pelas produções obtidas, qual a melhor adubação.

Este processo é, porém, bastante moroso e trabalhoso, compreendendo-se desde logo a dificuldade de o usar na assistência regular ao lavrador.

Pensou-se então usar um método mais expedito para o mesmo fim: a avaliação directa da riqueza do solo em elementos minerais.

Como é sabido, os três elementos minerais do solo de que mais fortemente depende a alimentação das plantas são o azoto, o fósforo e o potássio. Estes são os chamados elementos nutritivos minerais principais.

Importa portanto, e principalmente, conhecer a capacidade que o solo tem para fornecer às plantas estes elementos.

A avaliação directa da riqueza do solo nestes elementos parece bem simples, à primeira vista: dir-se-ia que bastaria fazer a análise química do solo, achando assim o seu teor nos elementos em questão. Como logo também se vê, porém, o que interessa determinar não são as quantidades totais de azoto, fósforo e potássio existentes no solo, mas sim as quantidades destes elementos que são assimiláveis pelas plantas.

Acontece até que a absorção de determinados elementos pelas plantas é condicionada pela presença de outros; assim, por exemplo, uma adubação excessiva com adubos potássicos num solo rico em potássio e cálcio, pode dificultar a absorção do potássio pelas plantas.

Portanto a análise química do solo, por mais rigorosa que seja, não está muitas vezes em condições de fornecer ao lavrador os dados de que necessita para calcular a adubação racional das suas terras.

Já em 1869, Hellriegel, num congresso de química agrícola, apontava alguns inconvenientes da análise química do solo e sugeria que a análise da colheita deveria fornecer uma indicação muito mais útil da riqueza mineral do solo. De então para cá vários investigadores têm seguido este caminho.

A ideia de que a composição da planta cultivada num dado solo deve reflectir a composição desse solo é intuitiva. Na realidade aqui desaparecem as dificuldades ligadas ao facto de os elementos nutritivos estarem ou não sob forma assimilável; as quantidades de azoto, fósforo e potássio encontradas na análise da planta foram absorvidas por esta e, portanto, como é óbvio, estavam no solo sob forma assimilável.

É necessário, porém, que os dados obtidos na análise das plantas sejam comparáveis uns com os outros, isto é, que sejam obtidos em condições análogas. Para isso devem analisar-se sempre plantas idênticas, e nestas o mesmo órgão e na mesma fase de desenvolvimento.

O órgão da planta que geralmente se escolhe para análise é a folha, o que é compreensível, pois este é, por assim dizer, o laboratório central da planta, centro da actividade assimilatória, sendo portanto racional que o teor da folha em elementos nutritivos se reflita no crescimento da planta e, portanto, na produção.

Analisando folhas em idênticas condições, de plantas análogas mas cultivadas em muitos solos de diferentes fertilidades, a que correspondem variadas produções, estabelecem-se uma relação entre as quantidades de azoto, fósforo e potássio encontradas nas folhas e essas produções. Uma vez estabelecidas estas relações a partir de um grande número de casos, estaremos habilitados a dizer para cada um dos elementos nutritivos qual a per-

tagem em que ele deve existir na folha para se obter a máxima produção económica; abaixo dessa percentagem haverá diminuição de produção pelo que se deverá adicioná-lo ao solo.

Na Suécia fez-se recentemente um estudo acerca do emprego do método de análise da folha na assistência à lavoura. Mais de mil lavradores enviaram ao laboratório folhas das suas culturas, para análise, aconselhando-lhes depois o laboratório, em face dos resultados dessa análise, qual a adubação a fazer. A grande maioria dos lavradores mostrou-se satisfeita com as produções obtidas depois destas adubações.

A análise da planta parece-nos bastante mais racional que a análise química do solo, embora apresente também defeitos graves, como são os que resultam da irregularidade das condições meteorológicas provocar alterações na composição das plantas, e de diferenças individuais de comportamento de planta para planta.

Contudo, hoje em dia, a análise da planta constitui um método indispensável para, conjugado com a

clássica análise química do solo, nos fornecer os elementos de informação necessários acerca da riqueza dos solos em elementos minerais.



Um pormenor pouco dispendioso e bastante prático pode tornar um «sweater» mais gracioso. Basta uma pequena tira de qualquer tecido. Costura-se à volta do decote e aplicando-a de várias maneiras, duas das quais mostramos na gravura.

126 EMPREGADOS DA SHELL PORTUGUESA RECEBERAM EMBLEMAS DE ANTIGUIDADE

NUMA cerimónia realizada no restaurante Castanheira, foram distribuídos emblemas de antiguidade a 126 empregados da Shell Portuguesa.

Recebeu também um emblema, correspondente a 25 anos de serviço, o administrador-delegado daquela empresa, sr. F. H. Frangenheim, o qual lhe foi entregue pelo administrador sr. Eduardo Rodrigues.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o sr. F. H. Frangenheim, que depois de se referir à satisfação que sentia em, por sua vez, entregar os emblemas de antiguidade,

to de equipa é uma realidade. Concluiu desejando felicidades a todos os que recebiam emblemas.

Em nome dos homenageados, agradeceu o sr. Júlio de Lemos que, depois de fazer votos pelas prosperidades da Shell Portuguesa, que disse, todos os empregados vêm servindo entusiasticamente e com brio e a maior lealdade, acrescentou: «Efectivamente, numa Companhia como a nossa, onde há compreensão, respeito e estima entre dirigentes e dirigidos, não é possível servir-se de outra maneira e verifica-se que, cada ano que passa,



O sr. F. H. Frangenheim recebendo o emblema de antiguidade

definiu o conceito da palavra servir, para afirmar que servir a Shell, empresa tão fortemente integrada na economia nacional, era o mesmo que servir o País.

Prosseguindo, lembrou a personalidade de Salazar como exemplo de alguém que dedicando a sua vida ao serviço de Portugal, dá uma demonstração insofismável do conceito de servir. Mais adiante, o sr. Frangenheim disse que os emblemas de antiguidade que iam ser entregues constituíam um símbolo de boa colaboração entre patrões e empregados que existe na Shell Portuguesa, onde o perfeito espiri-

mais aumenta a nossa vontade de bem servir. Terminou, brindando pelos administradores e directores presentes.

A cerimónia assistiram ainda, além de numerosos reformados da Shell Portuguesa, o presidente do conselho de administração, sr. dr. Bustorff Silva; major Dovalle e Gerald Barba, membros do conselho fiscal; os directores srs. E. Miranda da Cruz e Ruy Seisal; e os srs. drs. Bráulio Barbosa e Carvalho Cerqueira, K. G. Robinson, Rogério Camacho, Torres Pereira e outros funcionários superiores. No final foi servido um «cocktail».



EDITAL

Recenseamento Eleitoral

JOSÉ DA SILVA RODRIGUES MORAIS, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António, faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º da Lei n.º 2015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1958, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos Art. 1.º e 2.º da citada Lei:

SÃO ELEITORES E, COMO TAL, RECENSEÁVEIS:

- 1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português.
- 2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais.
- 3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:
 - a) — curso geral dos liceus;
 - b) — curso do magistério primário;
 - c) — curso das escolas de belas artes;
 - d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
 - e) — curso dos institutos industriais e comerciais.
- 4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º. Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente entre si.
- 5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A PROVA DE SABER LER E ESCREVER FAZ-SE:

- a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;
- b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;
- c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;
- d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A PROVA DO PAGAMENTO REFERIDO NOS N.ºs 2.º, 4.º e 5.º FAZ-SE:

- a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;
 - b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.
- Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A PROVA DAS HABILITAÇÕES REFERIDAS NO N.º 3 FAZ-SE:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a) ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º da citada Lei.

NÃO PODEM SER ELEITORES:

- 1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;
- 2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;
- 3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;
- 4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;
- 5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;
- 6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;
- 7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;
- 8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recensadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em jornais deste Concelho.

Paços do Concelho, 27 de Dezembro de 1957.

O CHEFE DA SECRETARIA

José da Silva Rodrigues Morais

PESCA DO ATUM NA COSTA ALGARVIA

Conclusão da 1.ª página

Portanto, o cabo de Santa Maria, como o promontório de Sagres, é também — e de igual forma — um acidente geográfico perturbador da «corrida» do atum «de direito», a qual se faz de modo semelhante à de qualquer navio rumado e navegando no alto mar.

Daqui se infere da razão por que a armação do cabo de Santa Maria pesca atum «de direito» e as suas similares da costa de Tavira só pescam o atum «de recuado», na temporada de pesca «de direito».

E após a chegada à costa, o atum reverte em atum «estacionário», permanecendo assim nela até desovar e se refazer deste abalo físico, depois do que inicia a «corrida de revés».

Nestas condições, a costa Sul do Algarve, após o solstício de Verão (21 de Junho), é quase toda permanentemente batida pelos cardumes de atum «de revés», que da área da postura ou desova (o «Mar de Espanha»), caminham para o seu domicílio de Inverno, sito no seio do Atlântico Oriental, e na parte dele que, pelo Oriente, enfrenta as regiões marítimas respectivas. Esta «corrida» faz-se inicialmente sob a orientação 74 graus Noroeste, aproximadamente.

A zona mais privilegiada para a captura do atum

E, assim, a parte desta costa mais privilegiada para a captura do atum «de revés» é a que se estende da foz do Guadiana à margem oriental do «focinho» do cabo de Santa Maria, pois é aquela em que primeiramente embate o atum quando da sua «corrida» do «Mar de Espanha» para o Atlântico; e, a seguir, vem o trecho de costa que se estende do cabo Benagil à parte oriental da ponta de Sagres.

Apresentamos, pois, o quadro relativo à movimentação do atum na costa do Algarve.

Posto isto, vejamos como se poderia pescar o atum nesta região marítima:

a) **Por meio de armações fixas.**

Colocadas: 1 — «de direito», para o Norte da ponta de Sagres e no trecho de costa que se estende do «focinho» do cabo de Santa Maria à praia da Encarnação, tão-somente.

É evidente que o rendimento piscatório das armações a instalar neste último trecho de costa algarvia se reduziria progressivamente do referido cabo para o Ocidente; 2 — «de recuado», apenas na costa de Tavira, embora possa aparecer atum «de recuado» noutros locais da costa algarvia, mas sempre em insignificante quantidade;

3 — e, finalmente, «de revés», no trecho de costa que vai da barra do Guadiana ao «focinho» do cabo de Santa Maria e, também, na porção de costa que se estende da praia da Encarnação ao extremo do promontório de Sagres.

Afigura-se óbvio que a produtividade piscatória, nesta época, aumenta progressivamente da praia da Encarnação para a ponta de Sagres.

Atento o exposto, verifica-se que a costa que se estende da barra do Guadiana ao cabo de Santa Maria está bem aproveitada, pelo que respeita à pesca do atum, de forma geral, parecendo até, à primeira vista, que ela está muito pejada de armações; que a zona litoral que se expande desse cabo à barra de Portimão está mal aproveitada, quanto à única pesca que nela se poderá realizar — a de «direito»; que o trecho de costa que se estende desta barra à ponta de Sagres está por explorar, pelo que respeita à pesca do atum em ambas as temporadas; e, finalmente, que também está por explorar a parte da costa algarvia que se estende para o Norte da ponta de Sagres, apenas pelo que respeita à captura do atum «de direito».

Uma armação situada ao Sul da ponta de Sagres, a situação mais privilegiada da costa algarvia para o efeito, seria altamente rendosa na época «de direito» e, possivelmente, também na temporada «de revés».

Parece-nos que estamos a ouvir dizer que já fora lançada uma armação nas proximidades dessa ponta, sem que todavia desse grande resultado.

Foi sim, senhor, sem que contudo lhe facultassem, infelizmente, o merecido êxito, pois encontrava-se, com manifesto prejuízo para o seu rendimento, um pouco ao Norte do paralelo da ponta de Sagres e, portanto, inteiramente encoberta por esta ponta, pelo que o grande volume de peixe «corria» ao Sul dela, com a orientação Les-Sueste, não podendo assim ser capturado pela armação. Estava, pois, mal colocada a referida armação, pelo que, naturalmente, não poderia facultar o rendimento que dela se esperava.

Vantagens de uma armação ao Sul da ponta de Sagres

Pena é que neste local tão frutífero não seja lançada uma pequena armação fixa para a pesca do atum, pois, a despeito das suas fracas proporções, teria provavelmente um rendimento fabuloso, nomeadamente na temporada de pesca «de direito», pois a «de revés» afigura-se-nos também profícua e por isso tentadora.

E esta armação, ao contrário das

E SISTEMAS USADOS OU A EXPERIMENTAR

restantes, poderia iniciar a sua importante pesca logo em Abril, tal qual o fazem as armações da costa de Marrocos;

b) **Mediante «canas de pesca».** Com atuneiros, usando isca viva, e exercendo a sua actividade somente para além das seis milhas da costa e por todo o mar abarcado pelas costas de Portugal, Espanha e Marrocos, e apenas na temporada de pesca «de revés».

Ressalva-se, é claro, a captura dos similares do atum «de corrida», que talvez possa ser levada a efeito em qualquer das duas temporadas de pesca ou, talvez, fora delas — quem sabe?

É que os similares daquele atum, que parecem seguir o mesmo regime de movimentos migratórios que este, andam contudo algum tanto desligados do atum «de corrida», no que se refere a esses movimentos migratórios. E, em princípio, apenas admitimos que a pesca efectuada por este sistema seja profícua na época «de revés», isto é, de Julho a meados de Setembro, no que se refere apenas ao atum «de corrida», e conforme frisamos anteriormente.

No que respeita aos seus similares, pouco poderemos referir. Só a prática permanente do exercício desta pesca o dirá;

c) **«Com aparelhos de muitos anzóis».**

Espécie de aparelho de «caçada» flutuante e de natureza mais robusta que a deste, visto o atum de «corrida» ser peixe mais corpulento do que a pescada e tanto outro peixe de fundo que, normalmente, costuma ser capturado pelo aparelho de «caçada».

Apenas se afigura possível o exercício desta pesca no alto mar e na temporada de pesca «de revés», isto é, de Julho a meados de Setembro, ressalvando, é claro, a captura dos similares do atum de «corrida», cujo modo de vida não é, para nós, tão familiar.

Esclarece-se que o atum na «corrida de direito» parece pouco ou nada voraz, pelo que, assim, não é susceptível de abocar o isco, vivo ou morto, que se lhe depare no caminho; e, ao contrário, sucede com o atum «de revés», cuja voracidade é bem notória.

Captura do atum por meio de «arte» de cercar

No que respeita à captura do atum com «arte» de cercar para bordo, espécie de «cerco americano», oferece-se-nos referir que, vinda dos Estados Unidos da América, foi ela introduzida no Japão para efeito da captura de peixe de pequenas dimensões.

Segundo informações colhidas, este aparelho de pesca tem operado com pouco sucesso nas águas do Japão e somente nos locais em que o atum se encontra em número suficiente para garantir o seu emprego.

Outrora foi usado na baía de Sendy e na Prefeitura de Mixagi, para efeito da captura do atum preto; e, ultimamente, este peixe não tem entrado nessa baía, pelo que foi suspensa a pesca com tal aparelho pelos japoneses.

Possivelmente, ainda será hoje empregado no Japão, mas ter-se-á certamente prestado a grandes modificações.

No estado actual da técnica da pesca e ponderados o dinamismo do atum e a morosidade da realização do cerco, este aparelho de cercar para bordo não parece, a nosso ver, recomendável para o efeito, seja onde for que o desejemos empregar.

Os atuarros e similares poderão talvez cercar-se, com óptimo rendimento piscatório, mediante um aparelho de cercar para bordo da forma por que, neste instante, nos ocorreu.

Uma embarcação que engode bem os pequenos exemplares e, ainda, outro barco que, com rede cercadora, capture aqueles peixes, quando distraídos estejam a comer avidamente o engodo. Parece que tudo isto poderá, em síntese, constituir uma «arte» cercadora dos pequenos exemplares do atum e similares. Pura e simplesmente, o aparelho de cercar do tipo americano não deverá reverter útil ao efeito. Todavia, só a experiência o poderá dizer de forma definitiva.

Conviria que esta experiência fosse também feita com candeio de intensidade luminosa regulável, pois surtindo ele efeito para dada intensidade da sua luz, o cerco far-se-ia assim mais francamente, pois a atenção do peixe seria distraída, cumulativamente, pelo candeio e pelo engodo.

Duvidamos todavia do êxito a

conseguir com o candeio, por muito fraca que seja a sua intensidade luminosa, no exercício desta importante pesca.

Conviria, todavia, que se experimentasse o candeio, para, de tal facto, se tirarem oportunas ilações que se não afiguram despidências.

Por quem pescam mais as armações espanholas e marroquinas

Convém esclarecer que a costa sul do Algarve não é, de maneira nenhuma, a mais bem orientada para efeito da exploração da pesca do atum «de direito», por meio de armações fixas.

Por ordem decrescente, as costas mais bem orientadas para aquela exploração são a da Andaluzia, de Marrocos e, finalmente, a da parte Sul do Algarve.

A razão do facto está em que a incidência média da trajectória da «corrida» relativa à temporada «de direito» sobre essas costas é aproximadamente: para a costa da Andaluzia, 86 graus; para a costa de Marrocos, 65 graus; e, finalmente, para a costa Sul do Algarve, penas 6 graus; isto, tendo em atenção a orientação geral de cada uma dessas costas.

Por este ligeiro e esboçado quadro se vê, claramente, a razão por que as armações da costa de Espanha pescam mais atum que as da costa de Marrocos e, também, por que as da costa do Algarve são muito menos frutíferas do que aquelas em matéria de captura de atum e similares.

É que, enquanto nas costas de Espanha e Marrocos as enormes massas de atum «de direito» esbarram contra elas com grande incidência, na costa Sul do Algarve, pelo contrário, essas massas de peixe passam ao longo dela com direcção quase paralela ao litoral algarvio.

Portanto, em matéria de pesca de atum «de direito» não poderemos, de forma nenhuma, estabelecer qualquer paralelo no que se refere à pesca que é feita no Algarve e às capturas de atum que são realizadas em Espanha e Marrocos, pois estas capturas são e serão sempre muito mais profícuas do que aquela pesca.

No que respeita à «corrida de revés», as costas mais bem orientadas para a captura do atum que emprende esta «corrida» são, por ordem decrescente, a do Sul do Algarve, aliás não convenientemente aproveitada para o efeito, a da Andaluzia e a de Marrocos.

É fácil de ver a razão do facto.

A orientação média da «corrida de revés» é, pouco mais ou menos, 270 graus, ou seja Oeste. Portanto, o atum desovado que se encontra na situação de «estacionário» nas costas de Marrocos e de Espanha, não encontrará terra na sua frente ao empreender essa «corrida» para o mar e, sim, apenas o amplo oceano desprovido por isso de quaisquer armações fixas.

Outro tanto não acontecerá com as partes extremas da costa algarvia, em que a trajectória média da «corrida de revés» incide sobre elas sob um ângulo apenas de cerca de 6 graus.

Ressalvam-se, contudo e também, as partes extremas da costa de Espanha, onde se manifesta certa mas fraca incidência da trajectória respeitante à «corrida de revés».

Do presente quadro se infere que também a costa Sul do Algarve não é muito privilegiada no que se refere à pesca do atum «de revés», que além de embater na costa algarvia sob fraca incidência da trajectória relativa à sua «corrida», parece dispor de manifesta tendência para «amarar», isto é, para se afastar da costa, fazendo-se assim ao mar.

A exposição que acabamos de formular não deverá ser, de qualquer modo, animadora para as Companhias de Pescarias do Algarve que possuem armações fixas para a pesca do atum.

Todavia, esta modesta e desprezível exposição deverá ter, possivelmente, o mérito de nos estimular no sentido de procurarem esmerar-se no que se refere à perfeição do aparelho de pesca em uso e, também, à orientação a dar a esse aparelho pelo que toca ao seu lançamento mais adequado, para que, tanto quanto possível, ele faculte o máximo rendimento piscatório, a bem da economia da nossa simpática e linda Província.

Pena, mas muita pena, temos nós de, por falta de recursos materiais, não podermos estudar também a vida das armações fixas para a pesca do atum das costas de Espanha, Marrocos e do Japão, bem como todos os aparelhos de pesca que laboram nas áreas ou zonas piscatórias em que se capturam o atum e os similares deste, pois admitimos — passe a falta de modéstia — que um estudo dessa natureza deveria reverter altamente proveitoso para nós e, até, para os estrangeiros, e desta forma, para a Humanidade.

É esta a nossa modesta e desprezível opinião sobre o assunto.

José Salvador Mendes

O próximo artigo versará: A grande e eterna pesca do futuro será a do atum e similares.

PÓ

Sou pó!
E, aqui fiquei, só,
À espera de dó...
Logo, alguém passou,
Para mim olhar...
Mas, depois, pisou!...
E, eu, só,
À espera de dó
Que não visse o pó...

MARIA HERMÍNIA

ACTUALIDADES DESPORTIVAS



Campeonato Nacional de Futebol (II Divisão)

TRÊS EQUIPAS-TRÊS EMPATES-TRÊS PONTOS

Olhanense, 2 — Atlético, 2

Marcadores: Sívio e Vinício

É característico do Olhanense o seu «afundamento» em terrenos abertos. As equipas, porém, são o que são, sem recurso momentâneo de aumento ou diminuição de peso conforme as exigências do tempo. Mas para além deste pormenor outros houve que desiludiram francamente. A falta de velocidade — correr preso — e o passe impreciso, foram as «negativas» mais flagrantes do grupo rubro-negro.

É certo que o adversário de domingo se chamava Atlético, viajando desesperado da sua baixa cotação perante Lisboa e uma imprensa que tem vindo a engolir em seco as melhores adjectivações com que esperava encabeçar as suas páginas, mas também o grupo da «casa» continua a chamar-se Olhanense, e, se ligarmos o nome às suas responsabilidades, convenhamos, não há atenuantes para determinados erros que esmaltaram a hora e meia apática que desiludiu toda a bancada.

A equipa algarvia tem elementos bons artifices de futebol que, em conjugação acertada, para além do jogo-espectáculo, fornecem também golos, em abono da tese de que em «association argentinizado» também se marca. Sucede até que nas equipas sul-americanas a melhor defesa está no poder de ataque, conforme o S. Lourenço de Almagro já o demonstrou.

Porém, no domingo, tudo safu mal. Parra, naquela apatia, deixou-nos a impressão de um ressentimento absoluto da sua lesão; Fonte Santa esteve deslocado, em «n.º 3», sem velocidade para segurar o extremo alcantarense. O centro do terreno seria a sua posição mais exacta. Poeria, hesitou quase sempre na sua missão de cerizador do futebol defensiva-ataque, não conseguindo impulsionar a linha ofensiva, umas vezes por passe mal medido, outras por segmentos traçados erroneamente, o que não lhe é peculiar. Também Ângelo, em «baixa de forma», agravada pela grande perda de sangue no acidente que o vitimou, a poucos minutos do começo, actuou sem facilidades. Mais: Vinício na alternativa de médio-interior, de domingo a domingo, também não esteve brilhante, a despeito de ter sido útil.

Claro está que, deste modo, a equipa, sem «interiores» e, praticamente sem médios, jogou sem «mio-

lo», esboçando apenas volume mas volume vago, longe do convencimento.

Além de Reina, igual a si próprio, de Bento, sempre pronto nos socorros a Fonte Santa, e dos dois extremos que, a despeito de pessoais, foram as únicas notas de vivacidade, pouco mais ficou a salvar o empate, muito lisonjeiro, com que Olhão selou a contenda.

Em si, a tarde de futebol valeu pela vibração que a assistência lhe emprestou a quando dos golos — golos contagiantes de emoção, sofrimento e tortura — digamos. Para além destes incidentes do jogo, tudo o restante foi frio, glacial, para esquecer.

Houve domínio de facto dos olhanenses, mas o dominar muitas vezes não representa a fórmula exacta do triunfo. A prova é que os algarvios jogando a hora e meia debruçados sobre a defesa alcantarense, não conseguiram subjugar um «team» que teve garra e astúcia e que actuou em sacrifício, com os seus homens desdobrados em dupla função de neutralizar e procurar a vitória.

Salvaram-se Reina, Vinício e os dois extremos, e foi tudo do quase nada dessa tarde cinzenta e triste...

Portimonense, 1 — Farense, 1

Marcaram: Vinagre e Alexandrino

Partida vibrante, em que ambos os grupos em passada voluntariosa se sobrepuseram ao «tapete de lama» do terreno de jogo, batendo-se de igual para igual, durante os 90 minutos, com espírito estóico e a incerteza do resultado a pairar sempre como uma incógnita.

Boa presença do «leader» que, a despeito de polvilhado de alguns «reservas», impôs a sua convicção de equipa sólida, marcou primeiro e chegou a desenhar a perspectiva de vir a triunfar de novo sobre os barlaventinos.

Todavia, os portimonenses foram um conjunto gritante de voluntariedade, de entusiasmo, que mesmo depois do tento acusado soube lutar até ao merecimento da igualdade que, se não traduz vitória, ilustra, contudo, um desejo irremovível de marcar posição com vista ao terceiro lugar.

Hora e meia electrizante, sobretudo depois do empate, em que o golo merecido do triunfo, para ambos, andou «de Herodes para Pilatos», rondando as redes de Daniel

e Isaurindo, e se negou por fim, a ambos, decidindo-se pelo «nulo» como desfecho de uma partida isenta de «nulidades».

Pelo Farense, Francelino, em afirmação de esplêndido médio de ataque, substituiu Vieira com vantagem, estóico, voluntarioso, José Maria, segurando bem o entusiasmo dos donos do terreno, e Queimado, foram as melhores pedras de toque. No grupo da casa, Daniel, Luz, Coelho, Di Paola e Arquinimio, foram a vontade personificadas.

Jogos para amanhã

FARENSE - ARROIOS

Partida repleta de favoritismo para o «Leões» de Faro, que, «amo e senhor» da prova, entrou em período de «souplesse», despindo o «latinismo» que tanto complica a razão de ser do nosso futebol.

Com margem de pontos absoluta para jogar em tranquilidade, o Farense vai repetir a proeza da Picheleira com maior clareza, que se avivará na medida em que o «onze» de Faro contar por presentes os seus elementos titulares.

CORUCHENSE - OLHANENSE

Eis uma «ferida» que continua por cicatrizar — a do 2-3 no Estádio Padinha.

A equipa rubro-negra precisa de triunfar, para «descolar» da série de perseguidores que lhe seguem na «roda», em ameaça ao segundo lugar.

Talvez porque a necessidade é premente, o grupo deve atravessar sérias dificuldades. Todavia, querer é poder, e se a equipa engranar no seu habitual sistema, com facilidade, enchendo-se de brio, pode triunfar — não sem problemas.

O resultado dependerá do factor psicológico — para aquele em que a unidade mais se afirmar, sobrepondo-se a tudo e a todos.

MONTEMOR - PORTIMONENSE

Jornada sempre pouco propícia aos barlaventinos, desde que o Campeonato é campeonato. O facto do adversário ser o derradeiro da tabela, não traduz em si facilidades, antes pelo contrário complica a hora e meia do estádio 1.º de Maio.

Talvez um empate, com que Portimão exultaria...

António A. Santos

Funcionalismo público

Foi exonerado como requerer, do lugar de delegado do procurador da República da comarca de Lagos por ter sido nomeado adido de legação do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o sr. dr. José Manuel Waddington de Mattos Parreira.

— Está aberto concurso para provimento do lugar de notário de Lagoa.

— Foi nomeada escriturário de 2.ª classe do quadro privativo da Câmara Municipal de Lagoa, a sr.ª D. Ilda Maria Matoso Romão, que no respectivo concurso de provas práticas obteve a classificação de 13 valores.

Pára-raios

Não comprem sem consultar os meus preços, que são sem competência

Faço instalações desde há trinta anos, com pessoal habilitado, empregando o melhor material que até hoje se fabrica.

Orçamentos grátis para qualquer parte do País e tenho aparelhagem moderna para vistoriar os mesmos, depois de instalados

Dirigir a

HELIODORO VALENTE

Telefone 21

OURIQUE

BASQUETEBOLE



Campeonato Distrital — 5.ª jornada

C. F. «Os Bonjoanenses», 27

S. C. Farense, 49

(ao intervalo 4-25)

CFB: Alcindo (4), Adelino (11), Ferreira (5), Cruz (4), Jesuíno (1), Bernardino-Cunha (2).

SCF: Gago (9), Caronho (7), Afonso (2), Estevinha (2), Mónica-Eurico (4), Bastardinho (17), Vinhas (8).

Árbitro: Mário José Marcelino. Marcador: José Pedro dos Reis Alexandrino. Cronometrista: José Joaquim O'Brien Oliveira.

Lusitano F. C., 25

S. C. Olhanense, 36

(ao intervalo 17-14)

LFC: Gavino-Andrade (6), Leal-Branco (17), Pinheiro-Belião-Albano (2), Carro.

SCO: Flávio (15), Correia (2), Brito (4), Pité (2), Martins-Amaro (13) Costa.

Árbitro: Manuel Adanjo Inácio. Marcador: Joaquim Gomes Néné. Cronometrista: Manuel Martins Afonso.

Ginásio C. Olhanense

C. D. «Os Olhanenses»

(Vitória do C. D. «Os Olhanenses» por falta de comparência do Ginásio).

CDO: Relvas-Leal Branco-Hernâni-A. Madeira-Luis do O.

2.ª categoria

Ginásio C. Olhanense, 39

C. D. «Os Olhanenses», 19

(ao intervalo 20-10)

GCO: Américo-Bruno (12), M. Fernandes (11), Alves (4), Graça (8), Franco (4).

CDO: Ramos-Hostílio-L. Relvas (4), Simões (14), Santos-Henrique (1).

Árbitro: Hernâni Martins do Patrocínio. Marcador: José Rosa Gouveia. Cronometrista: Joaquim Jacinto dos Santos.

Campeonato Distrital de Juniores (2.ª fase)

Resultados de domingo:

C. F. Esperança, 3 — S. C. Farense, 2

Silves F. C., 1 — S. C. Olhanense, 2

Jogos para amanhã

S. C. Farense - S. C. Olhanense

Silves F. C. - C. F. Esperança

BARDAHL

NECROLOGIA

Faleceram:

Em LUANDA — o sr. Aníbal Felizardo Viegas, de 42 anos, comerciante, natural de Quarteira, filho do sr. Francisco Jacinto Viegas e da sr.ª D. Albertina Felizardo Viegas, irmão dos srs. António Jacinto Ferreira, industrial em Olhão; D. Maria Felizardo Viegas, casada com o sr. Manuel João Damião, de Setúbal, D. Silda Felizardo Viegas, casada com o sr. João Augusto da Silva Liberato, também de Setúbal; e José, Carlos e Francisco e D. Anália Felizardo Viegas, todos comerciantes e residentes em Quarteira.

Em PORTIMÃO — em consequência de lamentável queda da janela da sua residência à rua, de uma altura de vinte metros, a sr.ª D. Maria Antónia da Glória, de 69 anos, casada com o sr. Bernardo da Glória proprietário naquela cidade e mãe do sr. José Bernardo da Glória, também proprietário em Almada.

Em LISBOA — a sr.ª D. Isaura Palma Padinha Rodrigues, de 63 anos, natural de Azinhal (Castro Marim), professora aposentada, mãe da sr.ª D. Maria Antonieta Palma Rodrigues Ferreira Gonçalves, sogra do sr. Fernando Ferreira Gonçalves e avó do menino Fernando Manuel.

— o sr. Joaquim Matias, de 87 anos, natural de Luz (Lagos), viúvo, pai do sr. José Matias.

— o sr. João da Cruz Silva, de 73 anos, viúvo, empregado do comércio, natural de Olhão.

— a sr.ª D. Maria da Encarnação Santana, de 81 anos, viúva, natural de Vila do Bispo, mãe do sr. José da Encarnação, 1.º sargento da Armada.

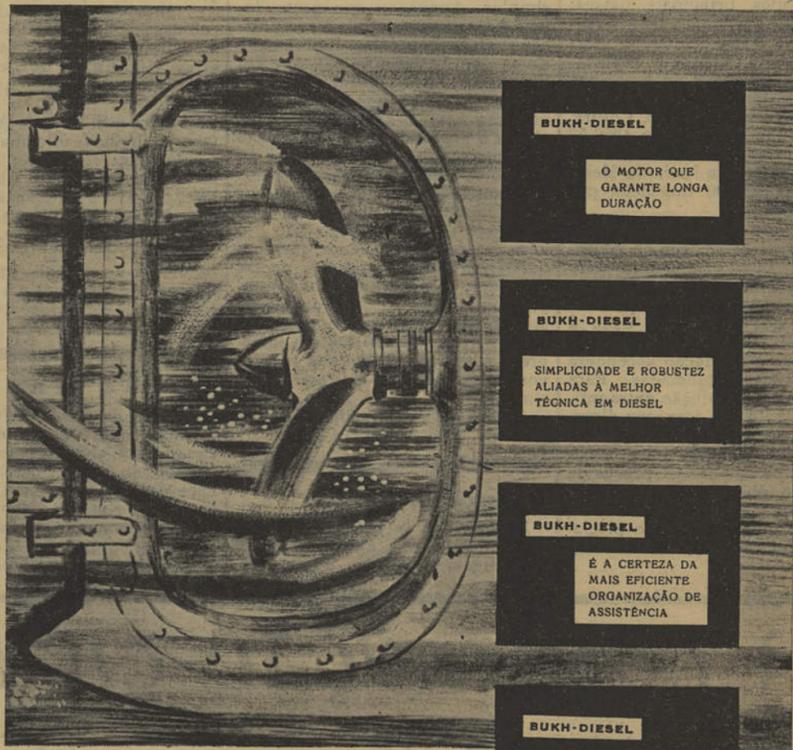
— o sr. Celestino Pereira da Paz, de 44 anos, natural de Moncarapacho (Olhão) casado com a sr.ª D. Ana das Neves da Paz.

As famílias enlutadas apresenta o *Jornal do Algarve* sentidos pésames.

O *Jornal do Algarve* vende-se em Lisboa, na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

PERDEU-SE

Brinco, em ouro branco e amarelo, com o feitiço de um amor-perfeito. Perdeu-se a quem o encontrar, o favor de dirigir-se à redacção do «Jornal do Algarve».



BUKH-DIESEL

O MOTOR QUE GARANTE LONGA DURAÇÃO

BUKH-DIESEL

SIMPLICIDADE E ROBUSTEZ ALIADAS À MELHOR TÉCNICA EM DIESEL

BUKH-DIESEL

É A CERTEZA DA MAIS EFICIENTE ORGANIZAÇÃO DE ASSISTÊNCIA

BUKH-DIESEL

O PREFERIDO PELO ENTENDIDO E PELO LEIGO

SÍMBOLO DE POTÊNCIA

BUKH
Diesel
MOTORES MARÍTIMOS

Agente no Algarve

JOSÉ MENDES, L.ª

Rua da Soledade, 17-21-OLHÃO-Telef. 413

Fábrica Mecânica de Cordoaria

CASA FUNDADA EM 1834

JACINTO NICOLA COVACICH

CABOS PARA NAVEGAÇÃO E PESCA EM

MANILA - SISAL - CAIRO

LINHO - ALGODÃO

MALHETAS-FIOS PARA REDES

FIO DE CEIFEIRA-ATADEIRA

Endereço Telegráfico: CORDOARIA

TELEFONE 023034

BARREIRO

Não devem ser consentidas REDES DE MALHA MIÚDA nos rios e nas rias onde o peixe desova

Conclusão da 1.ª página

pargos, bicas, etc. e até a própria sardinha e o carapau, e ali permanecem durante vinte a trinta dias. Depois a criação junta-se em cardumes e parte para o mar onde, de princípio, os pequenos peixes saltam fora de água, exercitam-se em correrias, aprendendo a defenderem-se e acabando por descer a grandes profundidades onde se desenvolvem rapidamente.

Como nem todas as espécies que povoam a nossa costa têm o seu período de desova ao mesmo tempo, os locais onde esta se efectua deviam ser considerados sagrados. Se os peixes são a nossa maior riqueza alimentar, justo será não os molestar nem os perseguir nos rios e rias onde se acolhem para procriar. Se nós criamos os animais terrestres dando-lhes comida que é produto do nosso trabalho, se lhes dedicamos todos os cuidados para o seu crescimento a fim de nos serem alimentariamente úteis, porque razão não havemos de deixar criar os peixinhos que não nos dão trabalho algum para o seu desenvolvimento e que nos dão tão grande prazer em saboreá-los?

Se um indivíduo mata propositalmente um animal é considerado criminoso e é punido como tal. A um criminoso que destrói sem proveito milhares de pequenos peixes é aplicada uma pequena multa e vai em liberdade, com pulso livre para continuar a sua acção devastadora. Não está certo!

É tempo dos nossos governantes, que tanto se têm esforçado para elevar o nosso País e que ergueram um Portugal novo, olharem com mais atenção para este descabro,

Tem de se começar a pensar NA EXPORTAÇÃO da nossa laranja

Conclusão da 1.ª página

até na antecipação da colheita levamos vantagem aos outros países exportadores. Mãos à obra, pois!

É agora para esclarecer os pomicultores algarvios vamos dizer-lhes que na campanha decorrente avalia-se em 1.960.000 toneladas a exportação de citrinos dos países da bacia do Mediterrâneo, assim distribuída pelos principais países: Espanha, 900.000 toneladas; Argélia, 280.000; Itália, 250.000 e Marrocos, 250.000. Também exportaram alguns milhares de toneladas de laranjas, tangerinas e limões a Tunísia, Grécia, Israel e Chipre. Na campanha anterior de 1956-57 foram exportadas 1.300.000 toneladas pelos países da bacia do Mediterrâneo e 162.000 toneladas por outros países.

Ultimamente reuniu-se em Madrid o Comité de Liaison de l'Agricoltura Méditerranéenne para apreciar o problema dos citrinos, o qual chegou à conclusão, pelo incremento que está a ser dado a essa cultura, que dentro de cinco ou seis anos a produção ascenderá a três milhões de toneladas. Para absorver esta produção extraordinária o C. L. A. M. forneceu directrizes que se resumem em: melhoria constante da qualidade e unificação do tipo comercial; preços de competição obtidos pelo aumento de rendimento; regularidade no fornecimento aos mercados e propaganda intensiva nos centros de consumo.

a fim de se evitar a crescente ruína de uma das nossas maiores riquezas — o peixe.

É preciso impor leis rigorosas para castigar esses vândalos, proibindo terminantemente essas «artes do diabo» chamadas «tapa-esteiros», não consentindo tais «artes» seja com que malhagem for, pois são estas as mais prejudiciais à criação visto o seu lançamento se fazer dentro dos próprios ninhos dos peixes, matando tudo quanto aprisionam, proibindo-se também o uso de «redinhas» e outras «artes» de malha miúda dentro dos rios e rias pois estes lugares devem ser respeitados para a criação.

Mas não é só proibir; é preciso haver rigorosa fiscalização, aumentar o número de fiscais, com postos nos lugares que ficam distantes das capitães e dar-lhes meios fáceis de condução para o seu giro, porque de contrário, o contrabando, como eles lhe chamam, nunca mais acabará, continuando-se a aniquilar criminosamente a nossa riqueza piscatória.

Eurico Santos Patrício

«ASAS» de Emiliano da Costa

Conclusão da 1.ª página

aspira e que merecia; e isto porque aos seus versos falta aquela simplicidade vocabular que deve ser a característica do poeta que pretende andar na boca do povo. Estamos a lembrar João de Deus e Augusto Gil. Recorre o poeta a termos pouco usados e que por tal motivo não transmitem flagrantemente ao leitor toda a expressividade do seu continente. Não será bem o caso, mas soa-nos com mais musicalidade o substantivo pintassilgo que o termo conirostro que à esbelta e simpática avezinha se pode aplicar sem desfavorecer a língua.

Emiliano da Costa, a despeito de rimar com talento, diremos mesmo com pretensões áticas, não conseguirá ser bem entendido pelo leitor vulgar. Este exige uma linguagem mais simples que facilmente o ponha em contacto com o pensamento e o sentimento do poeta. Não queremos com isto dizer que o autor reforme o seu estilo de feição a servir a camada de leitores mais simples. Apenas o que pretendemos é localizar e definir a sua posição em face do público. Emiliano da Costa que às vezes se exprime em linguagem terra-a-terra, cria com frequência escolhos vocabulares nos seus versos — e isto se na aparência engrandece na apreciação da camada culta, não o favorece no apreço da mentalidade mediana dos vulgares leitores. Esta a razão por que o nosso poeta, que o é em toda a virtude da classificação, não poderá aspirar à notoriedade que conquistaram outros grandes poetas algarvios. Contará, no entanto, sempre com o apreço e a admiração do sector mais ilustrado, aquele que pela sua preparação literária interpreta a sua poesia na sua textura vocabular e na sua expressividade simbólica.

A capa de «Asas», finalmente desenhada, é de A. Santa Clara.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Silva, Rua Miguel Bombarda, telefone 64.

O abastecimento de água a Armação de Pêra valorizará esta encantadora praia

ALGOZ — Vão ser postos em execução os planos de melhoramentos que todas as Câmaras conseguiram ver aprovados para este ano. Do que respiguei em tempo, registei com verdadeira simpatia, para a nossa terra — o abastecimento de água.

Quero confiar plenamente no muito carinho que o sr. presidente da Câmara vem emprestando aos nossos problemas, dos quais o que cito é o mais importante. Armação de Pêra, estância de turismo recomendável pela sua magnífica praia de banhos, pelo seu clima temperado, pelo conjunto de rochas que a Natureza tão pródigo lhe concedeu, pela mansidão do seu mar, a que o poeta José Lapa, um dia, chamou a praia das crianças, dada a sua tranquilidade, tem a sua vida pendente dessa grande realização.

Sendo a única praia do concelho onde o turismo mais se pode desenvolver, dada a afluência cada vez maior de estrangeiros, tem de se atender já, mas já, ao abastecimento de água. Até nós chegarmos mais notícias que, a confirmarem-se, estimularão o turismo, contribuindo para a construção de um hotel.

Deixa por um pouco, meu caro Eurico Santos Patrício, os outros assuntos que com tanta competência vens tratando, e concentra todo o teu dinamismo, o teu poder de realizar, no problema que cito, e que para todos nós, armaceneses, é vital.

Nessa tua trincheira e com o teu calor de sempre, aliado à merecida função que vens desempenhando, como nosso legítimo representante junto dos poderes constituídos, preocupa-te friamente com o objectivo a conseguir.

Neste momento, comigo estão por certo todos os de boa vontade e amigos da nossa praia, a pedir-te bem conscientemente, que tudo promovas junto de quem de direito para ver realizada a nossa permanente aspiração.

Creio firmemente na boa vontade que tem demonstrado o sr. presidente da Câmara, e o interesse incontestável que vota à única praia do concelho, ao nosso melhor valor turístico. — Alvaro Duarte Gomes

112.050\$00 para reparação de vias municipais

PARA reparação de estradas e caminhos municipais, foram concedidas às Câmaras Municipais pelo sr. ministro das Obras Públicas, através do Fundo do Desemprego, as seguintes participações: Alportel, para reparação da estrada de Tavira a S. Brás de Alportel, 1.ª fase, trabalhos adicionais, 28.000\$; Loulé, para reparação da estrada de Fonte Coberta a Almancil, 2.ª fase, trabalhos adicionais, 41.000\$; Monchique, para reparação de vários caminhos, 5.ª fase, trabalhos adicionais, 46.000\$; e Silves, para reparação do caminho entre S. Bartolomeu de Messines e a estação de caminho de ferro, fase única, trabalhos adicionais, 2.050\$.

O vôo das aves

Pelo sr. dr. José Xavier da Silva Cavaco, conservador do Registo Predial e advogado nesta comarca, foi abatido no Dia de Reis quando caçava no Sapal da Lezíria, em Castro Marim, um maçarico portador de uma anilha de alumínio com a seguinte inscrição: Zoolog Museum Copenhagen Denmark 698136

Meu caro Jorge:

Como deves saber, exhibe-se num dos cinemas de Lisboa uma película intitulada «D. Quixote de La Mancha».

Gostei da fita e gostei do seu desempenho.

Não pretendo, nestas desprezíveis linhas de um simples postal, elogiar ou depreciar os artistas ou o seu trabalho, mas unicamente falar de algo que, embora pouco perceptível, paira no entanto em suspensão no meio ambiente: a alma de D. Quixote.

Não importa que se tivesse chamado D. Alonso de Quijano, ou outro nome qualquer, o fidalgo manchego celebrado por Cervantes, na imortal figura que desafiando os séculos conserva a sua frescura, como se da actualidade fosse.

Desapareceram de há muito os romances de cavalaria, já os Magriscos e Amadis de Gaula, todos esses cavaleiros das gestas heroicas de antanho jazem na paz dos túmulos, mas o seu espírito de abnegação, de socorro aos fracos e de protegidos felizmente e para honra da humanidade, ainda persiste.

Cavaleiros da Triste Figura, esses heróis romanescos, sonhadores, beneméritos e desinteressados, quantas e quantas vezes os não vemos serem trocados e escoraçoados pelos ineptos, egoístas e maus, que, a troco sabe-se lá de que aviltada moda, conseguem botar figura na sociedade, desprezando o seu semelhante, calcando-lhe os direitos e impondo a sua iniqua lei (a lei do mais forte ou mais afortunado), que é sempre contra as mais elementares regras da Razão e da Justiça.

A alma abnegada e benemérita de D. Quixote, com o seu misticismo, os seus anseios, as suas aspirações e até as suas fraquezas e os seus ridiculos vive, por assim dizer, em todos os corações bem formados.

Que importa que estes sonhadores justos e bondosos esgrimam infrutiferamente contra os moinhos de vento da vaidade, da estultícia, saindo quase sempre da refrega com as suas vestes em farrapos e a sua armadura amolgada?

Que importa que nos seus momentos de arrebatada indignação se atirem às estocadas aos anafados odres de surraça cuidadosa e hábilmente encanteirados nas adegas da vaidade balofa e da mentira?

A Verdade, a Justiça e o Direito surgirão um dia, mais tarde ou mais cedo, a dar razão a esses cavaleiros, embora o mal se julgue coberto e

A quadra de hoje

Existo... não sei se existo... Sem ter desejos, nem fé... Mas, se ao mundo eu disser isto, O mundo pasma e não crê.

TOMÁS RIBEIRO

O doce nunca amargou

Biscoitos de cerveja — 250 gramas de farinha de trigo, 250 gramas de manteiga, uma xícara de cerveja branca. Misturam-se bem os ingredientes. Fazem-se os biscoitos, que são cozidos em forno quente. Depois de prontos, polvilham-se com açúcar.

Curiosidades

— A locomotiva conta, na sua complicada engrenagem, nada menos de cinco mil quatrocentas e dezasseis peças.

Gambém na cozinha se pode ser artista

Bacalhau finíssimo — Enquanto se põe ao lume a cozer uma boa posta de bacalhau prepara-se uma massa ligeira misturando bem 150 grs. de farinha com 100 grs. de manteiga, formando uma massa que se tende muito bem durante 20 minutos e depois de bem amassada se corta em pequenos quadrados com os quais se formam pequenas caixinhas. Estando cozido o bacalhau, desfaz-se à mão em bocadinhos pequeníssimos, tirando-se-lhe to-

das as peles e espinhas. Coloca-se sobre o lume uma caçarola com uma colher de manteiga ou azeite e nela se deita o bacalhau já desfeito, mexendo-se bem para que absorva todo o gosto da manteiga, sem alourar.

Junta-se-lhe em seguida uma colherzinha de farinha e uma chávena cheia de nata bem fresca e mexe-se constantemente sobre lume não muito forte. Depois, acrescenta-se-lhe mais uma gema e mexe-se sempre para a integrar no creme, assim como duas boas colheradas de queijo ralado e por fim a clara batida em neve bem firme.

Misturado tudo deita-se nas caixinhas de massa já feitas, sem as encher completamente porque cresce bastante. Polvilham-se levemente de queijo ralado e levam-se logo ao forno quente para cozer.

Mal que estejam prontas devem servir-se para que não abaxem.

É agora não ria!

O internado n.º 123 do manicópio de X penetra na cela do seu colega n.º 76. Este faz deslizar incessantemente uma pena sobre alvíssimo papel, e o outro pergunta-lhe:

- Que estás a escrever?
- Uma carta.
- A quem?
- A mim próprio.
- E que diz?
- Como queres que o saiba se ainda a não recebi?

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - FARO
Telefone 475

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

DENTRO DUM PEQUENO ESPAÇO

ENCONTRARÁ CONCENTRADOS TODOS OS ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS A UM CONTROLE RÁPIDO E SEGURO DAS SUAS CONTAS

SIDEX

GABINETE DE CONTABILIDADE

AV. GEN. ROÇADAS, 74 C.F. T. 843965 - LISBOA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE COM TÉCNICOS ESPECIALIZADOS

SEM COMPROMISSO PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Servam-se V. Ex.ªs colher informações nas firmas do Algarve que já possuem as nossas montagens:

Em Vila Real de Santo António:

- Centro Comercial de Combustíveis, Lda.
- Ernesto Duarte
- Gráfica do Sul
- José António Ritta
- Pilotos & Capa
- Ramirez, Perez, Cumbreira & C.ª
- Raul Folque & Filhos, Lda.
- Soliva-Sociedade de Litografia e Vazio, Lda.
- Soc. Acc. Angelo Parodi Fu B. meo
- V.ª Dasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda.

Em Olhão:

- José Pedro Ladeira, Lda.
- M. Rodrigues Pereira

Em Faro:

- Empresa do Sul de Produtos Químicos, Lda.

Além destas importantes firmas, contam-se por centenas de instalações as espalhadas por todo o País.

À CONSTRUÇÃO CIVIL

CHAPAS DE

AGLOMERADO DE CORTIÇA



PARA ISOLAMENTO

DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR
IDEAIS PARA VARANDAS E TERRAÇOS

CANELAS & FIGUEIREDO, L. DA

Telefones 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

FÁBRICAS EM LAGOS